

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Dirceu Thomaz Rabelo	Data: 12/04/2011	Ocupação: Secretário de Cultura e Turismo de Dom Joaquim e Secretário executivo do Circuito Turístico Serra do Cipó
Município: Dom Joaquim		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 1 hora e 15 minutos
		Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em <i>itálico</i> foram proferidas pela entrevistadora.		

- Qual o seu nome?
- Dirceu Thomaz Rabelo.
- Idade, Dirceu?
- 64 anos.
- Endereço?
- Rua São Geraldo, 162, bairro Caiana, Dom Joaquim.
- Profissão?
- Profissão, Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Dom Joaquim.
- E sua inserção no meio cultural do município se dá por ser Secretário de Cultura.
- Sim.
- Mas faz parte de algum grupo, de alguma outra coisa? Não, é mais mesmo como gestor na área cultural?
- Sim, como Secretário Municipal de Cultura e Turismo, eu tenho também, por ser secretário, eu fui escolhido também já pela quarta vez como Secretário Executivo do Circuito Turístico Parque Nacional Serra do Cipó. Que é turístico, mas também cultural, né?
- E qual que é a sua função?
- Lá, Secretário Executivo. Então Secretário Executivo, a função dele seria assim, bom, fazer atas. Mas o fazer atas é uma das funções, né? Uma das funções de Secretário Executivo, ele tem várias funções dentro do circuito, inclusive de distribuir cursos, por exemplo: cursos de

artesanato, curso de culinária, etc. E até pra buscar para o nosso município esses cursos também, pra trazer para o nosso município esses cursos.

- E quais as manifestações culturais, saberes e modos de fazer que existem em Dom Joaquim, poderia citar pra gente?

- É...o engraçado é que o próprio povo de Dom Joaquim não tinha idéia, ou ainda não tem muita idéia do quanto a nossa cultura é rica. Isso aí fez com que eu lutasse, eu entrasse com mais força pra que eles vissem que nossa cultura é maior, é muito grande. Isso aconteceu quando eu inaugurei, ou montei, ou coloquei o nosso Museu de Dom Joaquim, que ainda está engatinhando ainda, porque não é uma coisa ainda feita por um museólogo, então são peças que estão em exposição mas num tão ainda como um museu ainda não, mas tão em exposição peças antigas raríssimas que, falta ainda então serem catalogadas, etc. Mas eu fui de sala em sala nas escolas municipais de Dom Joaquim, explicar pra eles, mostrar a importância de um museu, essa busca da nossa identidade através da cultura, e tudo. Mas ali, mostrando pra eles também a importância da Marujada, do Boi Caracu, da Zabelê, do pau-de-sebo, da banda, da nossa alimentação...que eles não tinham idéia que nossa alimentação aqui, a nossa costelinha ora-pró-nobis, uma coisa que a gente come aqui que quase não se vê em lugar nenhum: o mamão com lingüiça. O mamão verde com lingüiça, a taioba, são vários alimentos, se for citar aqui, vou citar muita coisa. As nossas quitandas, aqui em Dom Joaquim, os nossos falares, os nossos casos, as nossas histórias que vêm da família, de anos, de gerações e gerações. Que tão chegando pra nós hoje, e que hoje eu mesmo como secretário tenho essa necessidade de colocar o nosso blog em forma de crônicas. Esses casos, essas pessoas que fizeram a história de Dom Joaquim, pessoas às vezes simples, às vezes alcoólatras, e tudo, mas que marcaram de alguma maneira a história de Dom Joaquim. São a cultura de Dom Joaquim.

- Mas aí teria como você citar pra gente, por exemplo, quando eu falo em manifestações culturais: quais são as festividades que acontecem na cidade, seus distritos e povoados? Teria como você falar o nome dessas festas que acontecem, quais os grupos culturais que têm? Aí pegaria o caso a Marujada, os Caboclinhos, quais são e aonde eles estão situados, quais os ofícios e modos de fazer...artesão, o quê que eles produzem, qual é a matéria-prima, e por aí vai...? Citar.

- Vamos por parte, então. Vamos primeiro pelas festas importantes, depois você me faz as perguntas que vêm delas aí. As festas importantes de Dom Joaquim. Nós temos aí, vamos agora, a primeira festa importante desse ano que vai ter aqui, nós tivemos o carnaval. Bom, o carnaval é uma festa muito importante para Dom Joaquim, porque ela era uma festa muito nossa, só. Ela acontecia só para o donjoaquinense, feita por donjoaquinense, e pronto e

acabou. Hoje ela é uma festa que nós trazemos uma infra-estrutura de fora, o turista vem de fora, é muita, mas muita gente que vem de fora mesmo, que deixa aqui uma quantidade muito grande de dinheiro, e que gera construções, gera...bom, é uma bola de neve então. Para Dom Joaquim, o carnaval é uma coisa importantíssima, que a cada ano melhora mais o carnaval muito bom em Dom Joaquim. Logo depois vem a festa...

- *Ele é chamado de Carnaval Dom Folia.*

- É, Dom Folia. Antes, era Dom Jocraná. Dom Joca é o apelido de Dom Joaquim, e Carná, carnaval. Dom Jocraná. Depois passou pra Dom Folia, como pode ser daqui um tempo ter outro nome também. Muda-se de vez em quando, hoje é Dom Folia, é o carnaval de Dom Joaquim. É, outra festa importante, que pra mim seria a mais importante, que ela é uma festa religiosa e profana ao mesmo tempo. É a Festa de São Domingos, que acontece na terceira semana de julho, embora o dia de São Domingos seja comemorado dia 08 de agosto. Mas para aproveitar os donjoaquinenses que estão em férias, em Dom Joaquim, no mês de julho, e seus familiares. A gente faz essa festa então no último fim de semana de julho, com uma participação popular muito grande, da vizinhança também de Dom Joaquim, das cidades vizinhas. Com bandas, com folclore, com Boi Caracu, Zabelê, o pau-de-sebo, a Marujada, banda, que eu digo banda de música mesmo, e fora banda sertanejas, banda de rock, leilões - que é uma coisa ainda muito importante - bingo. E fora a festa religiosa, que são missas, novenas, procissões. E depois nós temos a Festa do Donjoaquinense Ausente, que acontece no mês de setembro, por aí. É sempre procurado uma data, para o encaixe dessa festa. Essa festa, antes ela era a Festa do Peão de Boiadeiro, mas é uma festa que ela sempre tinha um custo muito alto. E foi substituído pelo Prefeito Romani, atual prefeito, para a Festa do Donjoaquinense Ausente. Que trás bandas, etc. etc., mas não trás essa infra-estrutura muito cara do Peão Boiadeiro, que é uma infra-estrutura muito cara. Eu queria voltar, no caso da Festa São Domingos, porque na Festa de São Domingos, ocorre paralela à Festa de São Domingos, o “Dom Appetite: a arte do sabor”, que é uma feira, que ocorre no sábado, um dia antes de terminar a festa de São Domingos, de todos os produtos, esses alimentos bem próprios de Dom Joaquim, são vendidos para os turistas e para os donjoaquinenses que vêm aqui e não tem como levar esses produtos. Então, a gente fez no ano passado, e vai repetir esse ano, já no segundo ano, desses produtos: queijos, linguiças, requeijões, cachaças, quitandas, biscoitos, rosquinhas, roscas, broas, etc. E nós temos também o que acontece na Festa São Domingos, o “Motocando”, parece que tá chegando ao 25º ano já, tá próximo do 25º ano, desse “Motocando”, que são a reunião dos motoqueiros no sábado, dia da Festa de

São Domingos, que eles se reúnem aqui em Dom Joaquim, e saem dando uma volta, em municípios próximos e terminam na área de câmbio, fazendo uma confraternização.

- *Aí você falou pra gente então, do Dom Folia e da Festa de São Domingos. Mas também a Semana Santa, não é isso?*

- Semana Santa...

- *Que é com a encenação...*

- Certo. A Semana Santa então é, nós temos uma Semana Santa com procissões, com missas...missas e têm várias procissões e têm a Encenação da Paixão de Cristo, que tem...ela de três anos pra cá, houve uma certa melhoria porque a pedido dos próprios atores e somadores, a Prefeitura entrou com a infra-estrutura de cenografia, de direção, no caso eu faço, eu como tenho uma certa...já conheço, como ator profissional que fui, eu conheço um pouco de direção, aí eu faço a direção do espetáculo. Eu incrementei com músicas clássicas em alguns momentos da Paixão de Cristo, iluminação, e esse sistema de uma sonorização que deu assim pra todo o público ouvir tudo que está sendo falado em cena. E com isso aí, a gente passou assim de, mais ou menos 100, 150 pessoas que viam o espetáculo, pra 1.200, 1.500 pessoas, aproximadamente no dia de hoje. Nós temos numa semana antes, ou seja, na terceira semana de julho, nós temos a Festa de Santana, que é a padroeira do distrito de Gororós. É uma festa também muito bonita, com procissões, com missas, com barraquinhas, de produtos típicos, alimentos típicos também lá de Gororós, no distrito. Temos conjuntos que tocam pro povo dançar, temos conjuntos folclóricos também, que dançam também como Marujada, Caboclinhos. Quando não é de Gororós mesmo, é de cidade vizinha como Alvorada de Minas também.

- *Aí o distrito tem também a Festa de São Sebastião e a Festa de Santa Cruz, são festas menores, mais modestas?*

- Sim. A Festa de São Sebastião é uma festa que ela é, ela já foi grande aqui em Dom Joaquim, não se sabe porque vai se perdendo. O São Sebastião, infelizmente a Igreja Católica deu uma caçada nele, e com isso, eu não entendo muito bem isso não, o porque dessa caçada de São Sebastião. Não sei se você sabe que, São Sebastião ele foi, a Igreja Católica de repente entendeu lá de dar uma...sei lá, caçou São Sebastião simplesmente e cortou o barato dele, e ele caiu, né? No Rio de Janeiro, eu morei um tempo lá, eles não ligaram pra isso aí, São Sebastião é São Sebastião e pronto, acabou. Só que aqui, a festa dele era uma festa maravilhosa, era assim igual a de São Domingos, e aqui ela caiu. Então poucos são os festeiros que aparecem pra fazer a Festa de São Sebastião, ela é pequenininha, são poucos leilões, então ela ficou

pequena. É uma festinha pequeninha, pra poucas pessoas, poucos freqüentam a festa, poucos vão à festa e tudo. Você falou a outra festa...

- *Santa Cruz.*

- Santa Cruz. A Festa de Santa Cruz, ela sempre foi uma festa pequena, mas cheia de fé. Ela acontece na Capelinha, aqui no alto do Cruzeiro. Uma capelinhazinha que nós temos aqui na cidade, e lá em cima eles enfeitam o Cruzeiro que tem em frente à Capelinha, e fariam uma festa com barraquinhas, com tudo. É sempre sábado e domingo, e ali eles têm o sistema de som, eles têm comidinhas também típicas, etc. e tudo, mas são pessoas sempre simples. São pessoas simples, mais do bairro do Cruzeiro, e de adjacências que freqüentam lá. Mas tem, ela era uma festa, eu lembro demais quando criança, ela era uma festa muito bonita, todas as casas do alto do Cruzeiro se enfeitavam com uma cruzinha, cada cruzinha toda enfeitada com papel celofane, com papel recortadinho, qualquer tipo de coisa, mas desde que fosse uma cruz bem bonitinha, cada um fazia a sua maneira. E ela com o tempo foi perdendo um pouco essa característica, e sobrou hoje uma Festa de Santa Cruz, que continua, mas é uma festa pequeninha, mas que conserva essa festinha de Santa Cruz.

- *E a que acontece em São José da Ilha, que é a Festa de São José?*

- É uma festa também, que ela é uma festa bem lá deles, de São José da Ilha. É uma festa deles, que eles fazem, eles fazem leilões, o padre daqui vai lá, reza e celebra uma missa, eles fazem baile, eles fazem barraquinhas também. É uma festa bem deles lá, agora com asfalto daqui em direção à Conceição do Mato Dentro, daqui lá eles não demoram mais que 10 minutos, de asfalto. Então, dá pra gente ir pra lá e participar da festa com eles, então ficou uma coisa assim mais, uma festa mais pra nós donjoaquinenses também. Assim, donjoaquinense da cidade. Então a gente freqüenta mais lá, então ficou uma festa assim com mais gente, então é uma festa também gostosinha também de ser.

- *E com relação às festividades, fechou, são essas mesmas as principais, que acontecem em Dom Joaquim?*

- São estas.

- *Agora em relação ao Boi Caracu e a Boneca Zabelê, eles ensaiam algumas festividades que acontecem aqui na cidade. Quais são essas?*

- Eles só saem na Festa São Domingos. E o mais incrível que eu, como Secretário de Cultura, aliás, nem como Secretário de Cultura, eu vou separar o Secretário de Cultura aí. É como uma pessoa que gosta de cultura. Que busca cultura, eu sou um porquinho fuçando cultura. Eu fuço cultura onde ela estiver. É...Caracu, Boi Caracu. Porque Boi Caracu? Se tem Nelore, se tem holandês, porque Caracu? Porquê? Teve uma época aqui no Brasil, que eles buscavam

animais, bois, que dessem carne e leite. Então, acharam esse boi lá da Índia, que é o...esse boi que foi pra Uberaba, esqueci aí, que é o Gir, que hoje virou o Nelore. Mas ele encontraram, na Rússia, quando era a grande Rússia, não hoje separada, perto dum lugar, dum lago chamado “Caracul”, esse boi, esse tipo de boi lá que era um boi de muita carne e muito leite. Um boi específico lá. Mas fala “meu Deus, esse boi será que lugar aqui muito frio, será que ele vai dar bem no Brasil?”. E trouxeram esse boi para o Brasil, esse boi não se deu bem no Brasil, mas chegaram a trazer esse boi pro Brasil. Boi Caracul, por causa desse lago Caracul. E esse então, a única coisa que eu vi desse boi foi isso, porque o boi é uma manifestação folclórica do Brasil todo, do Maranhão...eu conheço o Maranhão, eu conheço o Ceará, eu conheço Pará, eu conheço esses lugares todos, já fui pra todo lado, todo lado tem manifestação folclórica com o boi. Mas, é, boizinho aqui, boizinho isso, boizinho aquilo, mas boi caracu, não. Só Dom Joaquim, e mais lugar nenhum. Chegou aqui, e algum lugar deve ter esse mesmo nome, então chegou com esse nome que veio da Rússia, Boi Caracu. Virou caracu. Aí você vê, a cerveja Caracu tem ali uma carinha de um boi também, quer dizer, tem ligação do boi, a cerveja Caracu tem um boizinho e esse boi caracu que nós temos aqui. Só que os bois lá do Nordeste, Norte, eles são bois que dançam, eles dançam. O nosso aqui, ele não dança, ele fala que bate, ele bate, ele é um boi brigão, ele é um boi que vai pra te dar cabeçada, ele é um boi que dá rabanada, ele não é um boi quieto, ele é um boi bravo. Ele respeita, lógico, quando você tá com criança na mão ele vai fazer medo, a criança fica com medo e tudo, mas ele não te avança e tudo. Ele para por ali mesmo. E a Zabelê, seria pra nós aqui uma prostituta, ela é uma coisa que eles fizeram, uma coisa maldosa, uma coisa preconceituosa da negra prostituta, de batom, de cílios bem grandões, de brincos enormes, de uma vestimenta bem festiva, bem florida, mas que é bem coisa de boneco de Olinda também, aquela coisa, aquele bonecão enorme. Só ela, num tem um homem. É só ela, sozinha...

- *E ela acompanha o Caracu?*

- Ela acompanha o boi. O Boi Caracu e a Zabelê, até mais ou menos 20 anos atrás, eles saíam sempre no final da festa. Às vezes, sábado e domingo; hoje, saem sempre aos domingos, juntos, e separados da Marujada. A Marujada nunca aceitou o Boi Caracu e a Zabelê, porque eles traziam bagunça, traziam arruaça. Então a Marujada queria dançar, separadinha, bonitinha, mas sem a presença dos dois. Eles é sinônimo de bagunça, de meninada, arruaça, mamute de laranja, aquela bagunça. Então, eles eram acompanhado por um sanfoneiro, era um senhor, e o filho dele bateu na caixa, com uma musiquinha tocando e eles acompanhando. E aquela musiquinha sempre era aquela ali, aquele nheco-nheco, aquela coisinha ali, a mesma coisa. E, com a morte desse senhor, pararam, os festeiros num tomaram atitude de buscar um

outro sanfoneiro pra colocar no lugar dele. Um outro caixeiro também pra colocar no lugar do outro rapazinho, e ficou, então eles saem sozinhos. Sem um som, sem um porquê. Eles aparecem de repente na praça, e ali começa a algazarra, da meninada e tudo. Eles ficam assim, sempre isolados, os dois ali um vai, outro vai, e sempre um perto do outro. Mas sempre com muita algazarra. .

- *E a Zabelê, ela nem sempre foi a companheira do boi, né? Isso é uma função nova...*

- Não, não. Sempre um boi teve a companhia da Zabelê. Você sempre quando tira a foto do boi, a Zabelê tá por perto. Embora o boi, de repente ele vê uma pessoa assim, que de longe ele tá afim de dar uma cabeçada, ele corre e sai em debandada, vai lá e dá uma cabeçada, e volta pra perto dela. É como se fosse amasiados, os dois ali.

- *Então o boi, enquanto ele existiu em Dom Joaquim, ele sempre se apresentou no domingo...*

- No sábado e no domingo, sempre São Domingos. E hoje, de uns anos pra cá, dessa minha volta pra Dom Joaquim, de 89 pra cá, sempre no domingo.

- *Aí o senhor falou do Boi Caracu, e da Zabelê, aí tem também o bloco carnavalesco Piolho de Cobra. Ele também é muito antigo?*

- Não. O Piolho de Cobra é um blocão recente. Porque os blocos pequenos, eles sempre passaram, existiram, desde a minha juventude, aqueles bloquinhos pequenos, os Marinheiros da Rua Nova, os Cafajestes do Cruzeiro, aquelas coisinhas. As Periguetes da Caiana, aquela coisa assim daquele ano, porque ano que vem pode repetir, ou não, vem outro nome e pronto. Mas o bloco Piolho de Cobra, ele surgiu pra ser um blocão, aquele bloco que vendesse abadá mesmo, que tivesse uma coisa de mão, você compra o abadá e ganha um caneco pra você tomar chopp. Tem um lugar pra se encontrar, são 700, 800 abadás, que você vende. E a pessoa que compra o abadá, com o caneco e tudo, ele tem esse abadá e essa caneca, dá pra ele a entrada, sempre na quadra poliesportiva, pra ele entrar. A banda, essa bandinha que chama de “Furiosa”, que vai tocar as músicas de carnaval antigo, 100 músicas de carnaval antigo, já toca pra ele o tempo todo pra eles se reunirem e, toma chopp, toma cerveja, batida de limão, e pra quem não bebe bebida alcoólica, refrigerantes à vontade e tudo. Deu tempo pra ele sair, pois ele sai às onze e meia da noite, sai o blocão todo ali com a banda tocando, e sai pela cidade, dão a volta toda pela cidade, onde tiver que sair, e chega aqui na praça onde é que tá com trio elétrico, com palco montado e tudo, e chega ali, e continua com música de carnaval antigo durante uma hora e meia, duas horas, até que entra a banda já com música da Bahia, etc. e tal.

- *E a Cavalgada do Jubileu, Dirceu?*

- Nós temos em Dom Joaquim várias cavalgadas. Nós temos uma cavalgada inclusive que ela sai de casa, é a cavalgada que vai completar o ano que vem 25 anos. Ela é acavalgada mais antiga de Dom Joaquim. É uma cavalgada de donjoaquinenses, e que tem pessoas de fora que saem nela também. Ela tem assim uns 30, 35 pessoas, mais ou menos. E eles saem sempre fazendo um roteiro, saindo aqui pelo lado da fazenda do Gaia, chega em São José da Ilha, eles vão pegando as fazendas e vão até o distrito de Gororós, é uma semana. E vão voltando pela fazenda, já no lado leste de Dom Joaquim, pegando as fazendas, e chegam no sábado de carnaval. Eles saem no domingo, antes do carnaval, e chegam no sábado de carnaval em Dom Joaquim. É uma cavalgada já bem antiga, tem que citar essa cavalgada, porque ela é muito importante. Existem outras cavalgadas, a Cavalgada Feminina, tem uma cavalgada feminina que sai daqui dois dias antes da Festa de Santana, e vai pra Gororós, e depois retorna, é uma cavalgada muito importante também. Mas tem essa grande cavalgada, que acho que é, ela é de suma importância porque Dom Joaquim é o pouso final dela. É a grande cavalgada que a gente chama a “Cavalgada do Jubileu”. Que tem o Jubileu do Bom Jesus do Matozinhos, em Conceição, acontece em Conceição no dia 13 ao dia 24 de junho. Então esses cavaleiros, eles eram poucos, eles eram...sabe aquela coisinha de quatro, cinco, nove, 15, 20, foi aquela coisa aumentando aos poucos. Eles passavam e deixavam os cavalos, tiravam o arreio dos cavalos aqui da barragem, dormiam ali em cima dos arreios mesmo, e tudo ali. Tomavam um banho na água fria da barragem, da empresa ali, e de manhã eles iam pra Conceição, pediam a benção do Bom Jesus do Matozinhos, depois retornavam a cavalo pras suas cidades de origem. Isso foi num crescendo tão grande, que agora todo esse leste e nordeste mineiro, desce aquela coisa assim, desce aquele ramal todinho, que junta todo ali mais ou menos em Guanhães, mas não é só em Guanhães, porque já vem aqui debaixo de Ferros, dois de Guanhães, Carmésia, vai juntando tudo ali, e junta tudo, pára tudo em Dom Joaquim. Dom Joaquim é aquele pouso final. Então, no parar aqui em Dom Joaquim, há uma grande festa pra ela. A Prefeitura entrou nisso aí, pra fazer assim uma grande recepção, com música pra eles, com banda tocando pra eles, com jantar festivo pra eles, imagina a comedoria pra eles aí. É muita comida, então os que podem ficam em hotel, alugam casas, trazem trailler pra ficar dentro, dormir dentro do trailler, etc. Ficam em casa de amigos, a Prefeitura deixa a área de camping cheia de barracas pra eles...Bom, eles ficam de todas as maneiras que você pode imaginar. E no outro dia de manhã, e a área de camping também serve também pra soltarem os cavalos deles pra eles não se debandarem, né? E ali eles botam feno, e abrem lugar no rio pra eles tomarem água também. Porque a área de camping dá pro rio Folheta. E, de manhã eles saem, e essa data é uma data específica que é marcada com o padre, que é muito

cavaleiro. São muitos cavaleiros. Então eles saem então de manhã, junto com os cavaleiros de Dom Joaquim, e vão pra Conceição. Mas aí já passaram de 1.000 cavaleiros. A coisa passou, já debandou.

- *E já devia participar do Jubileu, né?*

- Vão lá, recebem a benção do Bom Jesus do Matozinhos, aí retornam.

- *Além desses bens que o senhor mencionou atrás, tem em Gororós a Marujada e os Caboclinhos. Tem alguma coisa que o senhor queira acrescentar em relação aos dois grupos?*

- Sim. Tanto a Marujada quanto os Caboclinhos, eles precisam de socorro urgente. A Marujada lá, ela é importante porque é uma marujada mista. A Marujada que, eu já vi uma apresentação deles aqui, ela muito bonita e difere bastante da Marujada masculina daqui de Dom Joaquim. É um outro tipo de manifestação, embora seja a Marujada. O modo de vestir, eles tinham a marujada, mas os marujeiros de Dom Joaquim tinham os chapéus em cone, roupa branca, com saíotes azuis de um lado, vermelho de outro, muitas fitas. E lá embora eles tenham fitas e tudo, bom, difere, as músicas são diferentes e tudo, e a parte de batuque, a parte do pessoal que bate caixa, como que chama?

- *Percussão?*

- Percussão, desculpa. O pessoal de percussão fica mais para os homens, então as mulheres, moças, senhoras e tudo, é que são as cantadeiras, as que cantam, e vão na frente e que evoluem. Então, e elas precisam porque é um grupo de quase uma família, uma comunidade. Eu tenho certeza que são quilombolas, e eles teimaram muito comigo que não eram quilombolas – “não, não somos” – mas são quilombolas. Agora, recentemente, o pessoal descobriu que eles são quilombolas, ou seja, têm certeza que são quilombolas, então buscando isso aí, pra definirem que eles formam um grupo quilombola. Eles são dali, de muitos e muitos anos, as famílias. Eles moram sempre em casas, próximas umas das outras, e eles estão parados demais pro meu gosto, eu não gosto de coisas paradas, eles se manifestam muito pouco. E os Caboclinhos, menos ainda, se manifestam muito menos, de vez em quando eles aparecem, eu não gosto disso. Eu gosto de Caboclinhos e marujeiros que tão sempre ali, aparecendo, que sejam, que o próprio povo da região ali de Gororós e de Dom Joaquim vá lá invista neles, busque eles. Eu tô vendo o povo de Dom Joaquim, o povo de Gororós buscando gente de fora. Prefere buscar gente de fora...

- *Mas eles participam das festividades que acontecem na cidade...*

- Atualmente não.

- *Nem na de São Domingos?*

- Não, este que é o detalhe. O socorro tá aí. É porque – “ah não, mas a Marujada lá de Gororós tem que investir nela, tem que comprar roupa, tem que comprar tambor pra eles, é melhor você convidar de Sabinópolis, dá pra eles aí um dinheirinho que eles vêm pra cá, e dançam, pronto e acabou, fica livre” – essa falta de maturidade cultural é que me mata, isso que é duro.
- *Mas eles se apresentam em outras festividades que acontecem nas cidades vizinhas.*
- Eles se apresentam mais em Alvorada de Minas do que em Dom Joaquim. Porque tão mais próximos de Alvorada de Minas, e isso aí me dói, o triste é isso. Que eles participam mais em Alvorada e até em Sabinópolis, do que aqui. Por falta de investimento, de investir neles. Então minha vontade é eu sair daqui, da Prefeitura aqui, eu vou buscar através de empresas, sei lá de onde, mas de empresa principalmente que estão instaladas em Dom Joaquim, verbas pra ir lá e avisar – “eu quero colocar Caboclinhos e Marujada Feminina de Gororós, funcionando, em dia, bonitinho, em todas as festas” – e dessas festas falar: “olha, vocês vão na Festa de São Domingos, mas vão cobrar 1.500 reais, fora o ônibus que vai buscar vocês, esses 1.500 reais vai ser investido pra vocês comprarem roupa, pra botar os instrumentos em dia, tudo bonitinho, tudo certinho” e fazer uma associação deles. É isso que eu queria fazer.
- *Outra coisa, em relação aos lugares que a gente identificou, são dois lugares que foram vistos e foram colocados pela população como pontos simbólicos, identitários locais, que é o Chafariz Caiana, né, que tem uma lenda que diz que aquele que bebe daquela água...*
- Sempre retornará em Dom Joaquim.
- *Desde quando existe esta lenda, essa questão do chafariz, se é um ponto simbólico...?*
- Essa lenda é antiqüíssima; eu, muito menino, esse resgate...até tem uma placa lá. Esse resgate fui eu, quando, Presidente da Câmara, é que fiz esse resgate dessa caiana. Ela tava muito fechada e sem água. Esse resgate (eu não tô fazendo campanha política, pois não sou candidato a nada não, viu?), fui eu que fiz junto com o prefeito da época, que era José Reidan. Quando menino, era uma bica, que caia desse bambu, verde-amarelo, de água, muita água, mas muita água, de lavadeira lavar roupa, tirar sua bacia, outra entrava com sua gamela com roupa e lavava também. E o pessoal levava ali, que não tinha água em casa, levava sua gamela com vasilha, lavava ali e levava pra casa, era muita água. E essa água foi acabando, acabando com o corte da cabeceira de água da nascente, foi acabando...e quando a gente descobriu, a gente descobriu uma nascente muito boa, no fundo de uma casa. E fez uma caixa, pra pegar essa nascente, seguiu essa nascente, fez um chafariz assim, decente pra ela pra segurar essa água, mas modernoso. Modernoso que eu digo assim, mais pra Ouro Preto, Mariana, etc., mas que resgatou a caiana. Resgatou. E essa água hoje corre pura, pura, pura, pura, pura! E pode beber lá, é uma água mineral mesmo, sem tratamento sem nada, ela cai purinha lá. E, houve

resgate dela então. E é realmente, isso desde há muitos anos fala mesmo: “num beba a água da caiana se ocê num quer voltar a Dom Joaquim; se beber, você vai voltar a Dom Joaquim”. E essa placa eu coloquei lá mesmo, como se a caiana tivesse dizendo: “quem de minha água tomar, a Dom Joaquim, irá inevitavelmente retornar”. Uma coisa mais ou menos assim, desse tipo assim.

- *Um outro ponto simbólico também é Capelinha do Alto do Cruzeiro. Conhecido como Capelinha do Cruzeiro, mas o nome oficial dela é Igreja do Padre Bento. É isso?*

- É. Igrejinha do Padre Bento, Capelinha do Cruzeiro. O Padre Bento, dá tempo de contar, é rápido as palavras? O Padre Bento, seria nem padre, era Cônego Bento Ribeiro Costa, que dá nome até à escola estadual do 2º grau aqui de Dom Joaquim. Ele, em 1949, por aí, ele, quando aqui em Dom Joaquim, um sobrinho dele foi, já...a medicina já tava avançando um pouquinho sobre oncologia, sobre câncer, etc., e foi na Itália, e fez um curso de oncologia, uma especialização em oncologia, e voltou, retornou pra BH, Belo Horizonte, e vindo aqui a Dom Joaquim, viu o tio meio ranzinza, e tal, e falou com ele: “que foi, tio”? “Ah, tô com dorzinha aqui, e tal, mas sei o quê”. Mas, ele, o Padre Bento então falou: “olha, eu não quero mexer com nada, não quero fazer exame...”. “Não, você vai fazer o exame comigo sim”. Levou ele pra Belo Horizonte. Indo para Belo Horizonte, constatou que ele tava com câncer. E ele falou: “olha, se eu tiver com alguma coisa ruim você me conta”. Aí o sobrinho falou com ele: “olha tio, o senhor tá com um câncer, e a gente não tem como tratar isso; é um câncer que já tomou o senhor bastante, o corpo e, o senhor tem alguns anos de vida, algum tempo de vida, que a gente não sabe o quanto que é. Mas tomou. Nós vamos fazer o seu tratamento e tal...”. E ele vendo isso aí, falou: “eu quero morrer em Dom Joaquim, eu quero ser enterrado num lugar assim que o povo pudesse me visitar com mais freqüência, e tudo”. E ele então começou a construir essa Igrejinha do Alto do Cruzeiro, e rapidinho. E construiu a capelinha da maneira que ele queria fazer, aquela coisa de – “ah, meu espírito vai ficar lá em cima lá, olhando Dom Joaquim lá de cima, mais altinho”. E pediu pra ser enterrado lá, e ele morreu em 1950, ou 51, por aí, a data precisa eu não tenho certeza. E ele foi enterrado ali, tem um vidro bem na porta, você vê um túmulo, tá tudo do ladinho, do lado direito.

- *E daí, esse nome, Igreja...*

- Igreja, Capelinha do Padre Bento, né? Porque ele tá enterrado ali, o corpo dele.

- *Até então a gente frisou mais as celebrações, que são as festividades, e as formas de expressão que seriam os grupos. Até mesmo o Boi Caracu e a Boneca Zabelê. Em relação aos ofícios e modos de fazer, porque aqui há bastantes artesãos, né? Quais seriam os principais*

produtos que são produzidos aqui na cidade, e a matéria-prima utilizada por esses mestres, que você pode citar pra gente?

- A partir da nossa entrada no Circuito Serra do Cipó, a gente começou a ter muitos cursos de artesanato, que reacendeu aquela coisa do artesanato de Dom Joaquim, entendeu? Mas aí entrou o SENAR, entrou o SENAI, a própria EMATER, entrou o SEBRAE, também, que foi de muita importância pra nós aqui, e deu-se uma guinada muito grande, com uma ajuda muito grande da Prefeitura também. E a Prefeitura ajudou muito nisso aí, porque eles precisavam de um ponto de apoio, um apoio mesmo. Nós tínhamos aqui aquelas tecelãs, aquelas pessoas que teciam ali, faziam os tecidinhos em ponto cruz, aquela coisinha. O arraiolo, mas era um arraiolo que tava muito restrito, que é um arraiolo feito pra Conceição, um arraiolo muito restrito, aquele arraiolo de Portugal. Aquele arraiolo vinha com aquela planta ali que tinha que seguir todos os pontinhos, deu um ponto errado, desmancha tudo, corta tudo, joga fora e tudo. Isso aí é uma coisa de muita importância a dizer porque com o SEBRAE, veio de repente e levou esses artesãos. “Olha, vocês fazem parte do Circuito Serra do Cipó, vão na Serra do Cipó? Vamos”. Lotou o ônibus, levou esses artesãos até a Serra do Cipó, eles pesquisaram as plantas, os animais, a característica da Serra do Cipó. Tudo é a Serra do Cipó, tudo. Então saiu, eles largaram aquela coisa do florear, das raízes, daquelas coisas, arabescos, né? Coisa bem árabes, deste tipo de tapete, do arraiolo, e fizeram o mesmo ponto arraiolo, com motivos Serra do Cipó. Ficou uma coisa linda, linda e com os tapetes menos, de tamanhos pequenos, isso começou a vender muito. Porque os preços ficaram acessíveis, e eles começaram a vender muito. Isso é uma coisa que tem que ser dita, porque foi muito importante isso aí. Mas então, há um trabalho muito grande, também com fibras, com palha de milho, com bagaço de cana, com flores secas, com madeira. A gente tentou aqui, argila, argila não deu certo, nós não temos uma argila boa aqui em Dom Joaquim. A nossa argila aqui não é legal, ela é uma argila arenosa, então ela é quebrável, ela quebra muito. Então, nós temos um artesanato que ele vai de tudo, tem de tudo um pouco, tá? Mas ele tá bem focado ali no tecido, na linha, nas pinturas em tecido, nas pinturas em pratos, sabe, nessas coisas? Mas saem fora do artesanato comum também, em muitas coisas. Em palha de banana, em palha de milho, coisas diferenciadas.

- De todos esses bens que você citou pra gente até agora, qual a importância que o senhor vê pros moradores da cidade? Dessas manifestações, desses ofícios, modos de saberes, qual a importância que o senhor percebe, pros moradores da cidade, dessas manifestações, desses bens, de um modo geral? O que o senhor percebe?

- Ó, primeiro que eles tomaram tenência, tomaram assim, descobriram que eles têm uma cultura que têm que ser preservada. “Nós temos uma cultura, essa cultura tem que ser

preservada”. Isso aí desde o pessoal da escola lá, tanto que as professoras mandam muito, fazem muito trabalho. Eu citei pra você, ainda há pouco, dentro desse livro que você me deu, esse livreto, do patrimônio cultural imaterial, há poucos dias estavam loucos atrás disso aí, o quê que era patrimônio cultural imaterial, e eu tentava a minha maneira explicar pra eles. Porque pra eles, o patrimônio cultural era só aquela coisa de monumento, aquele monumento da praça, a igreja, o prédio antigo e tudo. De repente eu falei pra eles – “ó, peraí, nós temos coisas aqui, a comida que nós comemos aqui, essa comida diferentinha aqui, ela é patrimônio. Os casos aqui de nossa cidade, os nossos cantos aqui, esse canto de dormir...o boi da cara preta é nacional. Mas têm alguns cantos assim que é só a sua mãe que canta, porque sua avó cantava e que sua bisavó cantava, isso é cultura, talvez bem familiar, bem da sua família. O dorme neném, neném não quer dormir, vou chamar papai do céu porque neném não quer dormir. Essa coisa é bem da sua família, é bem da minha família, é um versinho que minha tataravó formou e até hoje eu canto pro meu neto, e que tá vindo de família em família”. Então isso é cultura. E o bem cultural imaterial, ele existe também, só que ele não se pega, ele não se toca. Ele é, como vou dizer, ele é abstrato, ele não é uma coisa palpável. Uma coisa que você pega, você toca nele e aí. Então eles tomaram, mas não só lá na escola, é o pessoal também que vive dele também. Vive do artesanato, que vive do doce que vende, eles tão mais agora, eles tão sabendo que são importantes no contexto, entendeu? Eles sabem da importância deles – “eu não sou mais uma quitandeira só não, eu sou a quitandeira. Eu sou a tecelã. Eu pertença à Associação das Artesãs de Dom Joaquim”. Elas usam o crachá, elas sabem que ela, culturalmente, é importante pra Dom Joaquim. Então isso é muito, mas muito bonito. Isso eu digo, assim, com o maior prazer, porque eu iniciei, eu lancei esta semente aqui. Eu falo que lancei, mas eu lancei mesmo esta semente em Dom Joaquim, e com uma vontade que isso pegasse depressa, essa semente custou a germinar, ela precisou de muita água, muito esterco, muito adubo...mas ela germinou e germinou de uma vez só, ela germinou e veio com uma força total. E tá aí, graças à Deus.

- Dirceu, de todos esses bens que você citou ao longo da nossa conversa, há algum que você percebe que corre o risco de deixar de existir, por algum problema que algum grupo enfrenta, ou por falta de apoio externo do Poder Público, alguma coisa que você percebe que possa deixar de existir brevemente...?

- Olha, o meu medo aqui...eu não tenho medo por exemplo dos nossos alimentos, das nossas quitandas, dos nossos doces, do nosso artesanato, nada. Tudo embalou, tudo isso aí embalou, têm coisas aí antigas, que estão pegando uns pontos antigos e tão buscando, tá chegando coisa nova. Tudo, tá tudo bonitinho. O meu medo, o meu pavor aqui é porque eu tenho o estudo

completo da Marujada de Dom Joaquim. Letras, músicas, fotos, descrição de detalhes das roupas que eles usavam. Eu tenho as músicas na minha cabeça, eu tenho os ritmos de tambores, eu tenho tudo.

- *Mas só pra contextualizar, essa Marujada de Dom Joaquim, ela se desfez. Tem quanto tempo que ela não atua mais?*

- 18 anos. Mas eu vim do Rio, ela tava morta. Eu a refiz toda, ela ficou completinha, bonitinha, porque os líderes tavam vivos ainda. Fui embora e falei: “gente, não deixa morrer”. Retornei pro Rio, morava lá e tal. Voltei pro Rio de Janeiro. Quando eu mudei pra cá, ela já tinha morrido de novo. Eu reergui essa marujada e falei: “gente, tá aí reerguida, de novo, tai, num deixa morrer”. Eles deixaram morrer. Eu não posso ficar reerguendo e levar na minha mão – “festeiros, o ano que vem, peguem de novo”. Morreu. Então como eu tenho isso tudo, tá comigo, anotado em papel, tá tudo comigo guardado. E na minha mente, na minha cabeça, eu tenho uma responsabilidade muito grande de montar essa marujada de novo. Porque se eu monto agora, eu não deixo ela morrer mais. Eu vou montar uma associação dos marujeiros de Dom Joaquim, ela vai sobreviver. E aí eu vou, em Gororós, e vou reabilitar, colocar de novo a marujada de Gororós, funcionando, e os Caboclinhos de Gororós. Essas três manifestações folclóricas: a Marujada de Dom Joaquim, a Marujada Feminina de Gororós, e os Caboclinhos. Estão correndo sério perigo. Porque eles não tão importando com ela, porque têm substituto pra elas por perto. Eles num tão ligando, as pessoas não dão valor.

- *Eles quem?*

- Os festeiros. Eles acham que o seguinte: “ah, pra quê que eu vou aplicar um dinheirinho na Marujada de Gororós, se eu tenho a de Sabinópolis, a de Serro pra vir aqui”. A de Serro nem é Caboclinho, é Catopê, se não me engano. Se pode vir até Dom Joaquim. Mas não é a nossa manifestação, não é a de Dom Joaquim. Isso aí então, cabe a mim. Mas eu como, enquanto secretário, eu não posso largar aqui e ir lá, fazer isso. “Prefeito, me dá verba”. Eu vou ter que buscar uma verba, numa Anglo-América, num lugar assim e falar: “olha, eu fiz o levantamento, eu vou precisar de 40.000 reais, eu boto a marujada funcionando bonitinho, e...” – entrego ela prontinha, ou então faço a associação funcionar. E faço, dou a roupa, certinha como ela era, bonitinha, e pego com senhores e pessoas que vão ficar por aqui. Não rapazes que vão ficar seis meses, um ano, e vão embora pra BH. Eu vou ter que trabalhar com pessoas que vão ficar por aqui. Pessoas que já estão aqui, que já definiram que vão morar por aqui mesmo, e que eles tenham um ganhozinho, pra sair. Pra sair, dançando. Eles ter, não é um cachê, um cachê pra trabalharem. Depois ter amor à coisa, mas eles vão ter um cachê no princípio. Em Gororós não, em Gororós eles já têm o amor àquilo ali. É uma família, que tem

essa aí. E os Caboclinhos é a mesma coisa. Mas eu tenho que dar apoio financeiro pra eles sobreviverem. E também apoio financeiro pra eles terem uma caixa boa, uma sanfona boa, um violão bom, um pandeiro bom, entendeu? Eles têm que ter...mas eu, como secretário, não posso fazer isso. Eu sou aposentado já, eu quero sair daqui da Prefeitura daqui há uns tempos, não demora muito, e vou sair e vou fazer isso. Eu faço isso, tá correndo sério perigo de morrer, se eu morrer então, aí tchau. Marujada vai pro brejo mesmo, acabou.

- *Bom, Dirceu, quais as dificuldades enfrentadas, dificuldades e soluções, para dar continuidade a essas manifestações, esses saberes, esses modos de fazer aqui em Dom Joaquim? Quais as dificuldades enfrentadas pra dar continuidade a essas manifestações? Vão focar primeiro as dificuldades, depois a gente fala das soluções...se há também, né?*

- Olha, a Prefeitura, que é o ponto de apoio, ela quer ver soluções. Primeiro, a Secretaria de Cultura e Turismo, ela é...num é uma Secretaria de Saúde, não é de Educação, não é de Planejamento, que têm aqueles resultados ali: “nossa, o nosso Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, era tanto, agora é tanto. Então como cresceu, que coisa maravilhosa e tudo”. Então tem verbas altíssimas, tem. Então, a Secretaria de...aqui, eles falam aqui, Dirceu, eu sou Secretário de Cultura e Turismo, é Dirceu e “equipe”, sou eu e eu mesmo. Eu não tenho ninguém, não tenho carro, não tenho nada. Eu tenho que me virar sozinho pra tudo, e com meu carro ainda, e com um salário pequeno, muito pequeno, mas muito pequeno. Um salário, não chega a dois salários mínimos o que eu ganho por mês aqui. Trabalha-se por amor à cultura e ao turismo de Dom Joaquim, que eu implantei, há 21 anos atrás. Mas a Prefeitura vê com muitos bons olhos a nossa entrada no Circuito da Serra do Cipó, que nós colocamos Dom Joaquim dentro do Circuito Serra do Cipó. Vê com muitos bons olhos essas festas que tão aí, o artesanato crescendo, vê muito isso aí, vê tudo muito bom! Mas não vê com bons olhos a hora que eu falo: “eu preciso de uma pessoa pra ficar no meu lugar aqui, que eu quero mexer com marujada, eu quero mexer com o pessoal lá fora, eu quero pesquisar, eu quero fazer uma pesquisa, eu quero correr atrás, eu quero buscar soluções para um grupo que tá morrendo e num pode morrer. Então eu quero comprar tambores pro pessoal de Gororós”. Num dão valor, não valorizam. É quando eu falei: “eu preciso de sair da Prefeitura para buscar verbas extras, empresas que estão atuando em Dom Joaquim, para eu ir lá fazer o trabalho, de resgate da Marujada de Dom Joaquim, da Marujada de Gororós, dos Caboclinhos de Gororós e prestar contas ali”. É um trabalho, eu vou fazer muito abaloado, eu sozinho, aposentado, devia tá curtindo minha aposentadoria, viajando pra onde quiser. Não, vou estar fazendo esse trabalho pra um complemento do que eu poderia fazer aqui como Secretário de Turismo, e Cultura. Vou ter que fazer isso.

- E tem algum comentário geral que gostaria de fazer, que não foi perguntado, mas você acha que tem que citar...

- Não...a não ser que você tenha alguma coisa pra perguntar...eu acho que a cultura, a nossa cultura, ela é muito desvalorizada; o Poder Público, partindo lá de cima, do Executivo Federal, do Presidente da República, do Governador do Estado, do Prefeito, eles num vê cultura como uma coisa muito necessária não. “Dá uma verbinha pra esse pessoal aí, pra falar que o Brasil tem cultura. Dá uma verbinha do Secretário Estadual de Cultura, pra falar que nós temos cultura. Solta uma verbinha aí pro Secretário Municipal de Cultura...”. É mais uma secretariazinha, e nós que nos viremos aqui. A gente fica aí louco, como eu te falei, fim de semana correndo atrás, escrevendo blog, escrevendo, lendo cartilhas...Mas sabe, correndo atrás, lendo, escrevendo, buscando histórias antigas, correndo atrás de materiais, de fotos antigas, como essas que estão na minha parede, de fazendas antigas, de documentos antigos. Têm muitos documentos antigos, a minha casa tá cheia de relógios que estavam já degradados, arrebatados em paredes, que eu busquei, comprei por um valor bastante alto pra mim, que eu num sou rico. E mandei dá uma geral nele, mas são relógios de 1.800 e pouco, americanos, que pertenceram a minha família, que eu vou doar pro museu. Mas relógios que valem no mínimo 2.000 reais, e vou ter que doar pro Museu, vai ficar com minha família pra quê? Pra minha família ver? Se podem 50.000 pessoas verem aqui, 100.000 pessoas durante uns anos, no Museu. Então é uma luta árdua e eu, as pessoas às vezes perguntam assim: “é, o seu nome vai ficar na história”. Eu tô caçando nome na história por acaso? A pessoa que ama cultura, e eu acho que é o trabalho de vocês também, vocês não devem ter um salário assim tão bom assim pra estar nessa luta, nessa batalha, de vir, correr atrás e tudo, pra ficar tão assim, fanático com cultura. Quem gosta de cultura, quem gosta de turismo, essas coisas assim, tem que mais é que correr atrás e lutar, ir à luta mesmo. A mesma coisa eu também faço com, eu vou dar um detalhe aqui: eu sou conselheiro do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio de Santo Antônio, que tem a sede aqui em Itabira. Eu sou o titular. Então, eu vou a todas as reuniões lá, e participo e leio tudo. Aqui, nós temos aqui um exemplar aqui de um livreto: esse livreto aqui é Bacia Hidrográfica do Rio Doce, que é o Rio do Peixe que passa em nossa cidade. O Rio do Peixe deságua no Rio Santo Antônio, que deságua no Rio Doce, que deságua no mar. Então é uma seqüência. Então você tem que amar, você tem que gostar da coisa mesmo, ecologia e tudo, como gosta também de cultura, como gosta de turismo, você tem que gostar da coisa. Num gostou, num adianta, se desse de botar um secretário aqui, que não gosta de cultura, pagando pra ele 100.000 reais por mês aqui, não gosta de cultura, não vai sair nada. Se tem alguma coisa de cultura em Dom Joaquim hoje, essa coisa de cultura que

tá andando, mesmo a passos lentos, é porque eu amo, amo, amo, amo, amo cultura. Mas de um gostar de paixão, mesmo. É só isso que eu tenho a dizer.

- *E a gente queria agradecer, obrigada, tá!*

- Por nada, quando precisar de mim, estou às ordens.